



5  
OS

**PILARES DO**  
*relacionamento*  
**CONJUGAL**



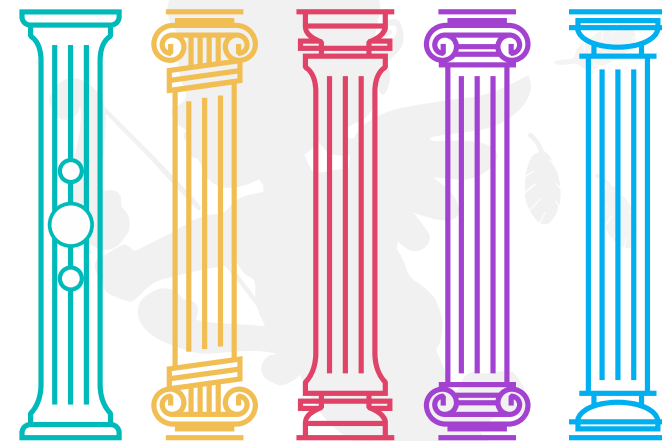
**marilza mestre**  
pesquisa e tratamento do medo, ansiedade e depressão

# Introdução

**5** OS PILARES DO  
relacionamento  
CONJUGAL

O relacionamento conjugal é como uma construção que se sustenta por meio de pilares. São eles que dão suporte e harmonia para que a relação continue existindo. Obviamente, se um deles cair ou rachar a estrutura inteira fica comprometida.

Pode ser que ela se mantenha por algum tempo devido à força das demais pilastras, mas com o passar do tempo, que tem duração variada, essas estruturas que foram feitas para suportar o peso dividido entre cinco e não menos que isso, começam a ceder.



Isso ocorre porque a convivência, seja ela qual for, implica em obedecer regras que são instituídas como fonte de autopreservação, regulamento esse que é estabelecido justamente pelo fato de o ser humano se caracterizar como tal por

conta da capacidade de se relacionar.

Assim, mesmo sobrevivendo em bando como a maior parte dos mamíferos, que se protege de ações exteriores e de dentro do próprio grupo, nós humanos estamos sujeitos a viver também de acordo com uma cultura que determina os nossos comportamentos.

Esse fator é bastante variável de acordo com cada população, que impõe maneiras, códigos e hábitos específicos para que os seus membros sejam aceitos e obtenham a proteção que o grupo proporciona. A maior parte desses hábitos são transmitidos por meio da família, seja por meio da observação ou de regras transmitidas de maneira mais direta, como a fala, por exemplo.

É em meio a esses hábitos que um casal se forma e passa a constituir um novo grupo de acordo com a tradição que antes foi passada individualmente para cada um deles. Isso que pode provocar divergências entre costumes pessoais que, de maneira geral, são suprimidas quando uma pessoa encontra outra que complete as suas necessidades, passando a se desdobrar e criar novas carências, que podem, todas elas, ser supridas pelo amor.

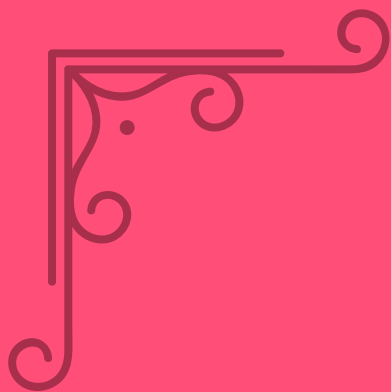
As formas pelas quais o amor supre essas carências são aquelas que Burrhus Frederic Skinner, psicólogo criador de uma teoria psicológica de desenvolvimento humano, define com base na filosofia grega: Eros (prazer individual, difere de alívio), Philia (representa o prazer plural e só se efetiva com o outro) e Ágape (A

forma mais pura e perigosa de amar, que representa um prazer plural e só tem graça quando o outro for feliz).

O Eros, na maior parte das vezes, é o principal fator de aproximação entre os casais. Ou seja, a atração sexual é o que causa um primeiro impacto, mas conforme o casal vai se conhecendo e uma relação se efetiva, passa-se então à Philia, a parceria e intimidade que só a amizade legítima e desinteressada proporciona. E, no exercício dessa amizade um novo amor vai nascendo: Ágape, o amor que somente sente felicidade na felicidade do outro. É o amor capaz de sacrifícios, onde o bem estar do amado é o que mais importa.

Assim, com o amor em confluência entre as suas três faces, se chega a um sentimento ímpar, mas que pode se desestabilizar por conta do relacionamento em si, afinal, a convivência nos faz perceber que um relacionamento não é constituído só de amor, mas também das regras e costumes culturais que ambos os constituintes do casal já carregam antes mesmo de nascer e levam, cada um com a sua bagagem, para o encontro com o outro.

Dessa forma, os pilares do relacionamento dos quais trabalharemos nesse material são os seguintes: A Troca Erótica, Proteção Paterna, Proteção Materna, Proteção Fraterna e o pertencimento “filial”.



# Contato Físico

A etologia, que trata da observação do comportamento animal, mostra como o contato físico entre os seres traz a sensação de segurança e bem estar.

É um ponto no qual apresentamos semelhanças com eles. Um exemplo disso é a posição fetal, replicada pelos humanos nos momentos de tristeza.

Outro momento em que é demonstrável o quanto o nosso corpo reflete as nossas emoções é aquele em que alguém demonstra tristeza (perda afetiva) ou medo (ameaça de perda) e tendemos a lhe afagar para demonstrar cumplicidade, contato esse que restabelece o equilíbrio e proporciona prazer para ambos.

Dessa forma, o contato físico entre casais se configura como um importante pilar do relacionamento, já que não há relação conjugal que perdure sem o afeto, sem o amor físico e sem a troca erótica, representada pelo deus Eros e que renomearemos aqui para o termo **“fazer amor”** para que não seja confundido o erotismo com a sexualidade.

Assim, o fazer amor se refere ao pertencimento que surge a partir da troca erótica e proporciona alegria e prazer lúdico ao estimular a produção e liberação de enzimas como a oxitocina, expelida por meio do contato com a pele e que facilita a sensação de vínculo, pertencimento e segurança, o que se estende, às vezes por anos, mesmo que marcada por um único episódio e que torna



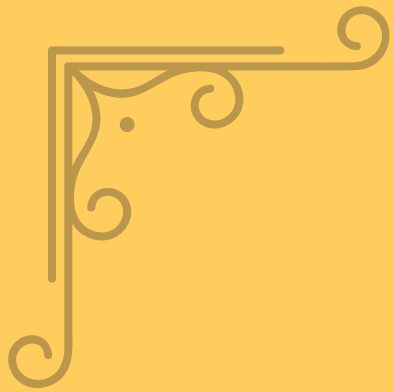
possível que o cheiro de uma pessoa permaneça no imaginário da outra.

Já o sexo pode ser feito com o eros (o amor em sua forma erótica) ou apenas pelo desejo físico, algo aceito em algumas culturas apenas pela necessidade de contato e o alívio de tensões, uma vez que é uma atividade altamente ansiolítica e se configura assim como o maior dos contatos físicos.

O sexo se configura assim pelo fato de ocorrer dentro e fora do corpo e mesmo que tenha uma rápida duração o coito se configura como uma liberação intensa de hormônios como a endorfina, que protege o corpo de sentir dor, a serotonina, responsável pela sensação de segurança e prazer, e a oxitocina já comentada anteriormente. Com todos esses componentes, o sexo atende às necessidades físicas do EU, o indivíduo que tem como imperativo suprir a demanda do alívio, que por vezes se confunde com o prazer já que as áreas do cérebro responsáveis por essas sensações são bastante próximas.

Entretanto, a atividade sexual não é a única maneira de viver o amor erótico, que envolve uma ampla entrega emocional e simboliza uma forma de dar e receber afeto, carinho e segurança.





# Estudo de caso

Apesar de o sexo ser aceito na maior parte da sociedade, ainda que para os fins de alívio ele seja benquisto para os homens e condenado quando praticado pelas mulheres, às vezes é sinônimo de culpa e punição quando envolve algumas crenças sociais e religiosas.

Um caso clínico atendido por Marilza Mestre pode ser usado como exemplo.

Um casal jovem, apaixonado e altamente atraído sexualmente um pelo outro esteve em vias de separação por conta de uma concepção irracional da esposa, que vinha de uma criação inadequada para esses assuntos.

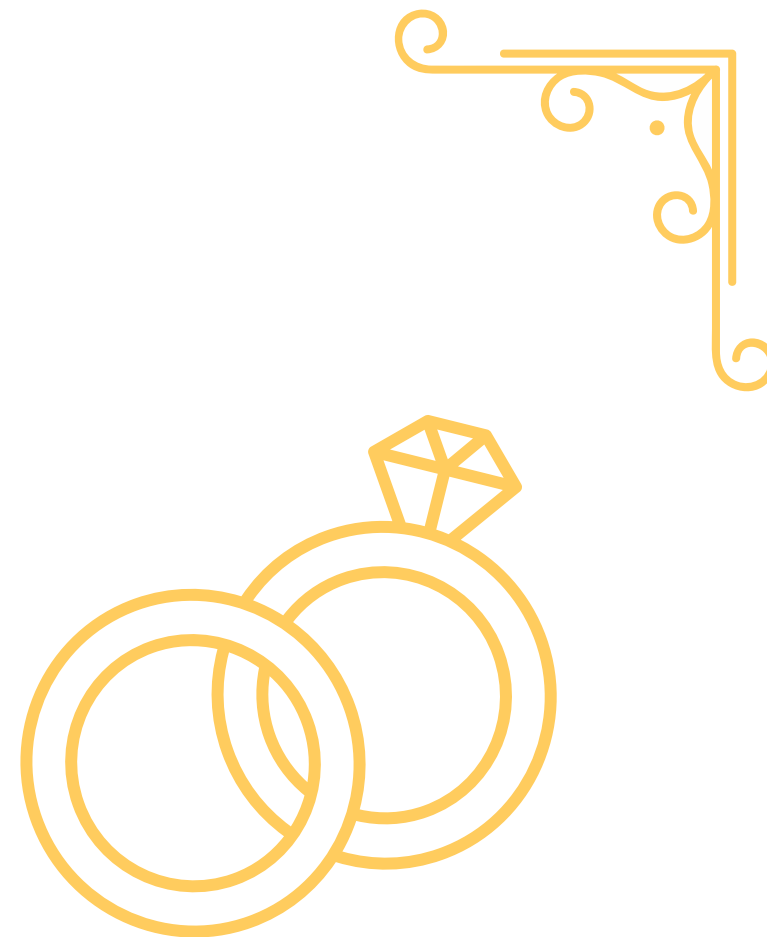
Órfã de mãe e criada em colégio interno religioso, a jovem teve várias “mães” funcionais (freiras), que embora tenham sido amorosas e lhe dado uma excelente educação em vários aspectos, passaram a ela a ideia de que sexo era pecado e só deveria ser tolerado para fins de procriação. Ainda assim, o que foi ensinado para ela era que, quando fosse ocorrer, o ato deveria ser feito no escuro e com parte do corpo coberto por um corpete que não poderia ser retirado nem mesmo no banho.

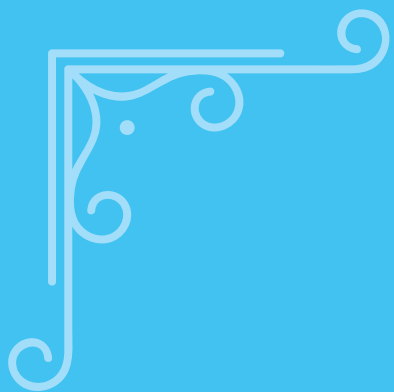
Dessa forma, o casal sofria com um conflito bastante grande já que o ato sexual, quando ocorria, era interrompido pelo choro advindo da culpa dela.



Assim, nem a sexualidade nem o afeto físico eram praticados, o que fazia com que uma parte significativa dos pilares do casal estivessem abalados.

Isso ocorria porque para a moça o sexo era encarado como o equivalente a agir como um animal. Entretanto, essa regra de que o sexo só é praticado para a procriação é algo somente válido para seres cognitivamente inferiores, uma vez que eles copulam apenas na época do cio para propiciar uma nova geração. Já para os humanos a sexualidade se configura como uma parte bastante importante da vida como um todo e, principalmente, para um relacionamento.





# Proteção "paterna"

Existem funções que ao longo do desenvolvimento humano foram atribuídas ao homem e que no ambiente familiar estiveram bastante ligadas ao paternalismo.

Essas atribuições continuam existindo, mas não são mais exclusivas do homem, devendo ser divididas entre o casal e, se não cumpridas, podem desestabilizar o relacionamento.

Assim, o provimento, a defesa e a proibição são os fatores que aqui iremos intitular de proteção "paterna" (assim mesmo, entre aspas para que fique clara que ela não é mais apenas uma atribuição paterna).

## Prover

A sociologia entende que um ser humano está maduro, sendo considerado como um adulto, quando além de se sustentar ele é capaz também de manter mais uma pessoa. É o que se espera de um casal.

Assim, o provimento das necessidades básicas como alimentação, saúde e moradia devem sempre estar presentes em um relacionamento, função que hoje é compartilhada.

Entretanto, por muito tempo acreditou-se que essa função era exclusiva do homem, sendo marcada por alguns símbolos como o casamento religioso na cultura cristã. Assim, diante da





comunidade e de testemunhas é preciso que o casal jure estar junto “Na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença...”, honrando o pacto de cuidar um do outro.

No entanto, mesmo que estejamos em uma era em que as atribuições do lar são compartilhadas, se conserva ainda o pensamento de que essa responsabilidade cabe apenas ao sexo masculino. Dessa maneira, os homens quando são sustentados pelas mulheres acabam sendo vistos como fracos, enquanto que as mulheres são enxergadas como tolas.

Esse ponto de vista ainda perdura em nossa sociedade porque ele foi construído ao longo da história por muito tempo e mudar essa cultura não se faz de uma hora para outra.

Na idade média baixa o raciocínio que predominava era o de que era dever do rei ou da rainha sustentar o povo enquanto que esse tinha a função de trabalhar e contribuir por meio da sua função para que o reinado continuasse de pé. No entanto, no período da protoindústria (a era pré-industrial) algumas regras ainda presentes hoje começaram a se definir, uma vez que nesse período os jovens passaram a sair sozinhos de suas pequenas aldeias em direção aos burgos. Assim, a comunidade protetora deixava de existir e as mulheres deveriam ficar em casa cuidando dos filhos e garantindo a harmonia do lar, enquanto que a figura masculina tinha o dever de prover sozinho essa casa.

Dessa forma, a união entre o marido e a mulher deixou de existir, criando buracos afetivos que foram fixados também pelos contos de fadas que romantizaram essa composição ao retratar o homem como sendo “a cabeça do casal” como profetizado por São Paulo.

Mas, se a composição familiar já poderia ser notada na Grécia e na Roma antigas um olhar mais atento nos permite enxergar que aquele período representava, na verdade, uma separação entre o público e o privado, o que fazia com que o homem fosse a palavra de ordem na rua, mas dentro dos domínios privativos fosse a mulher quem determinava as regras da convivência familiar, o que se reflete na “mama” italiana ou judia.

Entretanto, essa voz forte feminina que se afirmava dentro de casa foi perdida até mesmo nessa instância após a industrialização, criando uma guerra entre os sexos e transformando o régio poder em pátrio.

Quem sofre com essa nova composição não é apenas a mulher, mas também os filhos e a família de maneira geral, que perde em proteção já que deveria sempre haver a ideia de que os mais fortes devem proteger os mais fracos e não usar essa força contra eles próprios, tanto no sentido físico quanto psicológico.

## Defender

Assim, em um relacionamento saudável espera-se que a proteção aconteça de maneira imparcial, já que um deve sempre ser o apoio do outro, seja em ocasiões de abalo sentimental, financeiro ou físico, que se demonstra em situações corriqueiras como “vou chamar o meu irmão” ou “vou contar tudo pra mãe”.

E é nesse aspecto que muito da cultura machista ainda se mantém mesmo entre as mulheres quando vemos as próprias criticando colegas que vão sair com o namorado e dividem os gastos. Ou seja, para essas meninas que têm uma visão ainda machista a “vaquinha” é permitida entre os colegas, mas proibida com os parceiros amorosos.

Exemplos da quebra desse paradigma podem ser encontrados na tese de doutorado de Marilza Mestre, *Mulheres do século XX: Memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)*, e mesmo na cultura popular, por meio de músicas como “Eduardo e Mônica”, enredo musical que apresenta uma nova forma de convivência mas que ainda não se efetivou.

## Proibir

Essa quebra de paradigma de que a proteção cabe somente ao homem também se aplica à proibição. Assim, o papel de proibir os filhos nas ocasiões de perigo real, físico ou social, também deve ser dividida. Frases como “Quando teu pai chegar você vai ver”, que

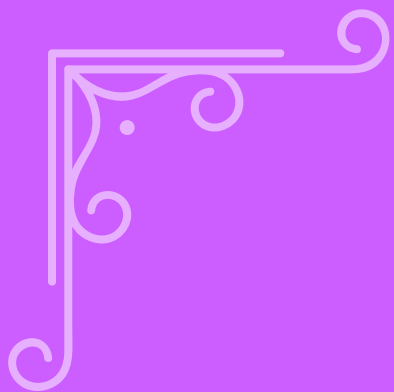
são normalmente ditas por mães e levam os pais a se violentar, mesmo que sejam mais doces, devem ser estudadas. Situação que se visualiza mais clara em casais homossexuais, já que não há imposição por gênero e sim por competência.

Desse modo, a educação deve sempre ser compartilhada entre o casal invés de delegar ao pai a função de agir como juiz e promotor, carcereiro e executor da sentença, costumes esses que se baseavam em uma cultura de punição e controle por meio do medo invés da moral, dos bons costumes e das práticas sociais de respeito.

Ao contrário, é preciso ensinar os filhos a seguir regras, que devem ser transmitidas a eles de maneira clara ao ser comunicada em linguagem simples e facilmente executáveis com o passar da infância, adolescência e também na vida adulta.

Dessa forma, ao conhecer e seguir regras, é que se torna possível aos filhos discernir o que quer, o que pode e o que deve fazer sem confundir liberdade com ausência de regras, uma vez que só é livre aquele que tiver a possibilidade e a consciência das normas e exercer o livre arbítrio da escolha e suas consequências.

Além disso, ao conhecer as regras os componentes da família passarão a se proteger e dar pertencimento aos seus integrantes por meio da segurança e da autonomia, valores que devem ser passados tanto pelo pai quanto pela mãe, combinando funções e se alternando nos papéis para que uma união se torne efetiva.



# Proteção "materna"



Da mesma maneira que as funções atribuídas à figura paterna, há também funções que anteriormente eram direcionadas somente à matriarca. Assim, a proteção "materna" de aceitar, ensinar e reger eram subfunções de cuja responsabilidade atribuída à mulher estava bastante associada ao que ocorria no ambiente privado da casa, protegendo do mundo externo tanto o filho quanto o marido.

Mas, a atribuição materna passou a ser compartilhada diante da nova composição familiar em que a mulher também sai de casa para trabalhar enquanto ao homem cabe uma igual participação da educação e da manutenção do lar. Portanto, as seguintes funções consideradas também dizem respeito ao homem. Vejamos quais são elas:

## *Aceitar*

Para demonstrar o quanto a aceitação é importante e está presente na figura materna começaremos o tópico por meio de uma história ilustrativa.

Uma mãe que acabou de dar a luz a uma criança amamenta o seu bebê e, logo após isso, uma jovem prima cheia de mimos com o novo membro da família pede para segurá-lo. No entanto, qualquer pessoa minimamente experiente sabe que após a amamentação é preciso colocar o bebê para arrotar. A menina, entretanto, parecia não saber e sofreu as consequências disso, por



meio do vômito da criança. A adolescente então afastou o bebê do seu corpo de maneira abrupta. Diante disso a bisavó do neném prontamente o segurou, todo molhado e assustado, e disse: “Todo cagado e vomitado. É a coisa mais linda da vovó”.

A fala da senhora em questão é representativa para mostrar o modelo de amor incondicional. Afinal, ninguém gosta de vômito ou fezes, mas ela executou a sua função de aceitação ao fazer questão de preservar a criança e livrá-la dos incômodos mesmo que, para isso, ela própria acabasse suja.

Esse tipo de aceitação é aquela que se faz também em um relacionamento conjugal quando se ama incondicionalmente uma pessoa com as suas qualidades e defeitos. Isso naturalmente ocorre após um tempo razoável de convivência, período em que há uma análise dos pontos positivos e negativos e se chega à conclusão se devem ou não efetivar o matrimônio.

As características do outro acrescentam ou tiram minha identidade? Consigo usufruir da sua presença sem anular a minha personalidade? Torno-me alguém melhor com ele(a)? Ou o que eu tenho de pior (e todos temos dois lados) se exacerba e não gosto mais de mim?

Nas relações mais tradicionais esse tipo de ponderação acontecia no período do noivado, fase em que a convivência é maior e nos permite ter contato com a essência do outro e, inevitavelmente, as

máscaras sociais caem. Assim, dificilmente alguém poderia dizer “eu não sabia com quem estava casando”.

Com os relacionamentos ocorrendo cada vez mais rápidos e esse período de conhecimento se encurtando, esse tipo de situação se torna mais comum. No entanto, é bastante difícil enganar um pai ou mãe, que parecem adivinhar os sentimentos de um filho, que mesmo tentando mentir para si não consegue disfarçar os sentimentos de quem o criou e exerceu, bem ou mal, a função de proteger e construir a sua personalidade. Skinner, explicando a formação do conceito de si, autoimagem, nos diz que a pessoa vai aos poucos adquirindo uma identidade e que “... eu só me torno 'EU' se alguém (o OUTRO) se afetou comigo a ponto de, em maneira agápica, me criar”.

Dessa forma podemos entender os casos de premonição ou intuição que, muitas vezes, os responsáveis pela criação têm para com o seu filho, fato que ocorre também entre casais que se “afetam” um pelo outro.

Isso acontece porque as nossas emoções produzem enzimas como resultado de uma cadeia reflexa composta por diversos variantes que resultam em neuro-hormônios. Assim, quando sentimos medo há o predomínio de adrenalina e cortisol, produzindo um cheiro/gosto azedo. Já na raiva a nora-adrenalina e cortisol predominam sobre as demais, resultando em um amargor na boca e no cheiro. Enquanto isso, o gosto doce

é detectado nos sentimentos de amor e alegria. É dessa forma que “adivinhamos” os sentimentos da pessoa amada, dando foco total a ela e exercendo a função materna que nos permite conhecer para proteger.



## Ensinar

Ensinar a sobreviver e a ter autocuidados é outra função atribuída à figura materna. E para ilustrar vamos usar aquilo que é propagado pela tradição cristã.

De acordo com ela, Moisés entregou dez tábuas de leis ao homem

que o ensinavam a obedecer às regras de convivência. Cristo então veio e as substituiu por apenas uma, a lei de Cristo, que pregava que para ganhar o reino do céu o homem deveria amar a Deus. Os discípulos questionaram, então, de que maneira isso seria possível. Ele responde que a forma de amar a Deus seria amando ao próximo, o que, conseqüentemente, corresponde a amar a si mesmo.

A história ilustra bem o sentido de ensinar os autocuidados pelo fato de que amar a si significa cuidar de nós mesmos como faríamos com um filho mesmo que estivesse vomitado ou defecado.

É o que ocorre quando uma criança está sob os nossos cuidados e a questionamos se ela comeu direito, fez exercícios, dormiu bem, tomou água...

Além desses questionamentos básicos, quando somos adultos também devemos perguntar o mesmo para si enquanto nos interrogamos se sabemos o que é melhor e medimos as conseqüências dos nossos atos para nós e para os outros.

Mas se enquanto adultos somos capazes de pensar isso por nós, compete à mãe ensinar os seus filhos até que eles criem autonomia. E se nós, maduros, em diversas ocasiões agimos de maneira impensada para posteriormente analisar e concluir que agimos mal, para uma criança essa reflexão é ainda mais

importante.

Por esse motivo, um costume materno de colocar a criança no cantinho de pensar é extremamente relevante. Confundido com punição, o ato tem o objetivo verdadeiro de nos precaver de perdas inúteis e ajudar na análise de contexto. Isso ocorre porque o fato nos leva a meditar sobre os atos diante de um erro, não para gerar culpa, mas sim para produzir responsabilidade com o objetivo de reparação.

Essa retomada sobre os atos pode ser feita até de maneira mais simples ao levar a criança para um ambiente diferente daquele em que ocorreu o erro e pedir para que ela conte o ocorrido. Tal solicitação, quando feita com o tom de voz adequado e com gestos acolhedores, que induzem à reflexão, fazem com que a própria criança e/ou adolescente veja os fatos por uma nova perspectiva.

Dessa forma, a figura da mãe vai passando a se tornar menos necessária na formação do caráter conforme a pessoa exerce a própria capacidade de reflexão.

É o que deve acontecer também em um casal.

Mas para isso é preciso que os parceiros estejam dispostos a enxergar ao outro e a si sem fazer com que o orgulho e o egoísmo os ceguem.

## Regras

Viver em sociedade pressupõe o respeito às normas e não é diferente no ambiente familiar. No entanto, em diversos casos os diferentes quadros de regras entram em conflito quando um casal é formado, já que os seus componentes são oriundos de grupos distintos e tiveram uma outra formação. Assim, o início da convivência, quando os códigos de criação individual se chocam, pode ser traumático.

Em alguns casos esses pequenos desacordos acabam gerando grandes conflitos, que podem ser evitados se discutidos antes de se efetivar o ato de morar juntos, verificando em quais pontos cada um está disposto a ceder bem como o que seria um incômodo à essência do outro.





# Proteção "fraterna"

**5** OS PILARES DO  
relacionamento  
CONJUGAL


A situação é comum: um irmão que sente ciúmes do outro por ele ter "tirado o seu lugar".

A reflexão, entretanto, vinda de um adolescente em uma sessão, é incomum: "Ah, já sei! Agora entendi. Você quer que eu pense em mim e assim eu não deixe ele me mandar. Mas na verdade isso não é egoísmo. É cuidando de mim que eu vou cuidar dele".

A fala do jovem se deu após uma reflexão proporcionada pela terapia, um "cantinho de pensar" no qual uma pessoa em quem você confia te ajuda a relatar e perceber os fatos por ângulos variados até que você tenha uma visão mais plural e possa ser livre para escolher.

Da mesma maneira se dá a irmandade entre um casal, uma relação entre pessoas verdadeiramente parceiras para todas as horas com quem você pode assistir a um filme e debater o tema com diferentes pontos de vista, ver o jogo de futebol do time adversário só para fazer companhia, ficar em casa em um verão quente jogando baralho pelo fato de o companheiro ter pegado sarampo ou jogar um jogo que não gosta só para fazê-lo feliz. É uma pessoa, enfim, com quem você pode contar em todas as horas, seja para chorar ou para rir.

E é nesses momentos de alegria em que o relacionamento apresenta um significativo crescimento por meio da ludicidade que se obtém quando convivemos com pessoas que pensam a



vida de maneira igual e que, ao mesmo tempo, sabem respeitar as diferenças sem se sentir maior ou menor do que o outro.

É a partir dessa irmandade que a proteção fraterna se constitui como o relacionamento de um irmão, aquele que fica feliz com a felicidade do outro desde que ela não fira a dele. Por isso, o irmão não se faz Ágape já que não faz sacrifícios como o pai ou a mãe, mas constitui uma posição de extrema relevância já que mantém a integridade e a identidade de cada um.

Dessa forma que podemos constituir a imagem do pai como alguém que põe o filho na cadeia para protegê-lo de si mesmo enquanto a mãe vai para a cadeia em seu lugar para protegê-lo do mundo.



Ambos morreriam felizes pelo seu filho, mas o irmão não. Ele pode ceder momentaneamente, mas sempre preserva uma saída para si. Assim, é capaz de mentir perante o juiz para preservar o irmão, mas se corresse o risco de perder a própria liberdade o cenário mudaria.

Esse quadro nos possibilita refletir sobre a importância da proteção “fraterna” em um relacionamento conjugal já que, assim como um irmão, é preciso também saber dizer não quando o outro estiver abusando do nosso amor. É isso que falta nos casos nomeados como Homens ou Mulheres que Amam Demais (respectivamente HADA ou MADA), que se referem às pessoas que tiveram um começo de relação agradável, mas que com o passar do tempo foram perdendo a sua essência e se deixando abusar pelo companheiro.

Nesse momento é que aparece uma síndrome conhecida como “codependência emocional”, que além de ruir o relacionamento também acaba com a individualidade de cada um e, se não tratada, tende a se repetir nas relações posteriores.

Para escapar dessa situação a solução é agir da mesma maneira exemplificada pela fala do jovem no início desse tópico: agindo de uma forma egoísta, mas saudável, rompendo com os abusos de um relacionamento difícil e destrutivo com o objetivo de manter o próprio espaço.







# Pertencimento " filial "

O último pilar responsável por sustentar um relacionamento é o do pertencimento filial, que representa a humildade em reconhecer que não se sabe de tudo e que um necessita do outro.

A comparação desse pilar com a relação filial se deve ao fato de nos tornamos filhos quando alguém reconhece em nós o pertencimento. Fator esse que se dá simbolicamente na sociedade por meio do sobrenome, forma pela qual é identificada a nossa filiação e a partir da qual será atribuída a responsabilidade de nos criar e educar, o que será cobrado pela sociedade. Por esse motivo ainda é comum ouvir frases como "Fulano é de boa família", atribuindo uma carga de significados sobre uma pessoa baseada em uma ideia superficial.

Mas a família, no entanto, é apenas a primeira afiliação pela qual passamos, sendo a escola a segunda delas. E conforme nos desenvolvemos passamos a fazer parte de diversas outras instituições. Por isso, em um casamento é comum trocarmos de sobrenome e, conseqüentemente, mudarmos nossa identidade.

Isso ocorre porque fomos criados para pertencer. A troca, que na maioria dos casos se dá apenas pelo lado da mulher como uma forma de controle social, acaba por as despersonalizar e não revelar o quanto cada um dos pares irá acrescentar na vida do outro.

Essa relação de cumplicidade que se inicia quando o casal funde os seus sobrenomes deve sempre ser olhada com a confiança que um filho tem para com os seus pais, vistos como uma pessoa admirável pela sua capacidade de oferecer proteção e por "saber de tudo".



É uma ideia que pode ser ilustrada pela história de um neto de cinco anos que ganhou da sua avó uma capa do Super-Homem costurada por ela. O menino, empolgado com o presente de natal, não tirou o manto nem para embarcar no avião e alguns meses depois pediu uma capa do Batman para a mãe, que respondeu que o item ainda não estava disponível para venda. Ele, então, disse confiante: “Não tem problema, a nona faz!”.

A presente visão que os pequenos têm dos adultos, essencialmente das pessoas que o amam, é representativa para mostrar o quanto as crianças nos admiram, creem em nós e se afetam com o nosso modo de agir, servindo como espelhos que moldam a forma pela qual ele começa a formar os seus hábitos e valores. Por isso o “faça o que eu faço” tem muita força nessa idade.

E é justamente essa perspectiva que devemos adotar perante o cônjuge no relacionamento, enxergando-o com o olhar de confiança e obtendo o mesmo sentimento vindo dele, que por meio da esperança de um filho pequeno nos olha com brilho e alegria em ir para o “colo” do outro.

Essa segurança no relacionamento também está presente no fato de saber que será avaliado com justiça e na humildade em admitir os erros, o que exige um real arrependimento diante dos atos que podem prejudicar ao próximo e à união.

Mas esse filho que é necessário existir em uma relação tem seus limites, claro, que são impostos pelos outros quatro pilares, fazendo

com que a codependência que se espera em uma criança pequena não tenha uma importância maior em um relacionamento conjugal, caso contrário ela se tornará prejudicial. Dessa forma, o filho que devemos ser e encontrar em uma relação deve vir acompanhado do pai, da mãe, do irmão e do amante, formando uma mistura homogênea e coerente.

Entretanto, se esses ingredientes não forem equilibrados haverá um desalinho e irá se instalar a carência, que pode culminar com o fim do relacionamento e uma busca por outras pessoas, o que se torna bastante comum nos dias atuais.

As relações descartáveis, entretanto, dificilmente “darão certo” se não houver um processo de reeducação, que pode contar com a ajuda do terapeuta auxiliando para que a autoeducação torne possível que essa figura “pãeterna” que acolhe o “filho” na sua singularidade possa se constituir como casal.





# marilza mestre

pesquisa e tratamento do medo, ansiedade e depressão

---

Psicóloga (CRP 08/777) e doutora em História pela UFPR

---

41 **3322-1021**

[www.marilzamestre.com](http://www.marilzamestre.com)